

Calouros de várias tribos

O jovem da foto ao lado, Adilson Barros da Silva, 30 anos, sequer sonhava com a universidade. Índio pancararu do interior de Pernambuco, que imigrou para São Paulo, ele vive em um conjunto habitacional na zona sul da metrópole e, como muitos parentes, estudou precariamente e não tinha dinheiro sequer para prestar o vestibular.

Ao perceber que histórias como a de Adilson eram comuns entre os 950 pancararus residentes na Grande São Paulo, os índios resolveram fazer algo. A Associação SOS Pancararu conseguiu bolsas para



32 pancararus e dois guaranis em um cursinho comunitário. Todos prestaram o difícil vestibular da USP. Não passaram. Não foi por falta de esforço, afirma Frederico Pancararu, presidente da associação: "Eles ficaram inibidos sem nenhum parente por perto".

Foi então que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) permitiu que todos fizessem a prova

juntos e ofereceu bolsas aos aprovados. Dos 24 pancararus, 3 guaranis e 1 xavante que fizeram as provas, 18 pancararus e todos os guaranis foram aprovados. A maior parte, em cursos de licenciatura, para dar aulas aos seu povo. Adilson vai cursar contabilidade. Brinca que depois de formado vai fiscalizar as contas da Fundação Nacional do Índio.

Respeito a culturas é fundamental

Respeito por culturas diferentes é algo que a antropóloga Lúcia Helena



Rangel (foto) cultivou ao longo de mais de 25 anos estudando povos indígenas brasileiros. Por isso, coube a ela coordenar o programa de adaptação dos índios aprovados na PUC-SP ao ambiente acadêmico. Lúcia formou-se em ciências sociais e especializou-se na pós-graduação. "Depois disso,

rodei o país: Rondônia, Acre, Mato Grosso." O que mais a fascinou nessas andanças foi conhecer culturas tão diferentes entre si e tão diversas do Brasil que conhecia. Lúcia diz que trabalhar com índios seduz pelo exotismo, mas só segue na profissão quem aprende a gostar de viver do jeito deles.